

A obra ideal, a obra real: O Pessoa que foi e a sua duração

Jorge Uribe*

PESSOA, Fernando (2018). *Mensagem e poemas publicados em vida*, Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 514 pp. [ISBN: 978-972-27-2498-2].



O até agora último volume da Série Maior da Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e de responsabilidade de Luiz Fagundes Duarte, cria um diálogo produtivo, de interação implicativa, entre os textos publicados em vida por Fernando Pessoa e o espólio pessoano. Assim, os textos que chegaram a ser impressos iluminam aqueles que ficaram nas arcas e, com todos eles, se reconstrói uma história editorial da obra de Pessoa até ao ano da sua morte. O *corpus* desta edição e o seu desenvolvimento no tempo podem ser pensados conjuntamente com uma virtualidade da obra pessoana, quer idealizada pelo próprio autor em diferentes momentos da sua vida, quer

num exercício retrospectivo a cargo de um editor que prometeu publicar a obra possível que o autor não chegou a estruturar de uma determinada forma.

Este volume abre com uma figuração de Fernando Pessoa dirigida à revogação de uma mitologia muito difundida entre os leitores, especialmente fora de Portugal: a de um escritor que teria publicado pouco ou que teria tido uma relação quase desinteressada em relação ao destino público da sua obra, que teria agido sem coerência e de forma errática no que a *self-marketing* se refere: “Fernando Pessoa era um rapaz planeado”, aponta lapidarmente Fagundes Duarte. Esta afirmação faz parte da necessária revisão de uma figuração autoral promovida por críticos e editores durante décadas, e atesta o lugar de relevo que esta edição crítica ocupa na apreciação e legitimação do desse quase objeto chamado “Pessoa em vida”. Como sublinhava George Monteiro, “há maneiras produtivas e significativas de narrar a vida de Pessoa” (MONTEIRO, 2013: 18), e isto tem um a significação especial porque, na vasta história da edição pessoana, foi só a partir dos anos oitenta que começaram a surgir edições dedicadas aos textos que Pessoa editou e publicou “ele mesmo”.

* Universidad EAFIT, Medellín, Departamento de humanidades.

É possível que esse impulso crítico tenha surgido como corretivo de uma tendência que tomou o *Livro do Desassossego* (1982) como potencial autobiografia de Pessoa para, assim, preencher o vazio deixado pela desapareição de Pessoa e da figura do autor, promovida, consciente ou inconscientemente, pela crítica. Segundo essa visão, Soares e Pessoa seriam ambos paradigmas do escritor inédito e anónimo (cf. TABUCCHI, 2019: 11). Afinal, os pioneiros da edição pessoana, Luís de Montalvor e João Gaspar Simões, posicionaram-se perante os planos de publicação e as autopublicações de Pessoa desta maneira:

Fernando Pessoa tinha um plano para a publicação das suas obras completas: melhor, tinha vários planos. Aquele que adoptámos, embora não corresponda inteiramente a nenhum dos planos elaborados por ele, não se afasta muito do que seria realmente a sua obra completa, caso ele a viesse a publicar tal-qual nós a encontramos, isto é, despida de todos os projectos que Pessoa não chegou a realizar

(*apud* TABUCCHI, 2019: 16)

Sublinhe-se um problema da paternidade, sendo que onde se lê “adoptámos” deverá ler-se “engendrámos”, e pôr-se em causa o regime gramatical em singular do segmento “o que seria a sua obra completa”. As afirmações de Montalvor e Simões parecem ignorar que, no caso de Pessoa, não só houve planos, mas em efeito concretizações: os textos publicados entre 1902 e 1935 não foram poucos – na edição de Fagundes Duarte são 163 poemas, e a prosa é igualmente numerosa – e esses textos tanto transformaram como geraram novos planos ao longo da vida de Pessoa.

Ora, o critério de esquecimento e substituição das considerações editoriais pessoanas fez carreira e exerceu uma espécie de oclusão das publicações em vida de Pessoa. Este fato ajuda a explicar que o *corpus* de tais publicações não esteja ainda, oitenta anos depois, totalmente definido. Atenuando esse esquecimento, existem, contudo, alguns livros que merecem destaque: *Fotobibliografia de Fernando Pessoa* (PESSOA, 1988), organizado por João Rui de Sousa; *Crítica, Ensaios, Artigos e Entrevistas* (PESSOA, 1999) e *Ficções do Interlúdio* (PESSOA, 2007 e 2012), editados por Fernando Cabral Martins; *Prosa publicada em vida* (PESSOA, 2006 e 2017), com seleção de Richard Zenith; e *Proses I: 1912-1922* e *Proses II: 1923-1935* (PESSOA, 2013a e 2013b), organizados por José Blanco. Como se pode ver pelas datas referidas, foi nos últimos vinte e poucos anos que o esforço da *Fotobibliografia* foi continuado; daí que neste século muitos lapsos tenham sido corrigidos e muitas lacunas preenchidas.¹ Inscrito nesse processo “reviscionista”, o novo volume da INCM inclui no *corpus* das publicações em vida o poema “Névoa”, que esteve sem localizar ou sem redescobrir

¹ Pelo menos 20 publicações, entre poemas e prosas, têm vindo a ser resgatadas nos últimos vinte anos e a ser integradas no cânone do “Pessoa em vida”. A este respeito apresento uma lista com referências detalhadas no artigo “Em vida de Fernando Pessoa – Lista de publicações 1912-1935” (URIBE, 2020). Cf. “Edição digital de Fernando Pessoa – Projetos e Publicações” (PESSOA, 2020).

até 2012, data em que foi recuperado por Vasco Rosa, num artigo da *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies* (ROSA, 2012).

Para o editor do volume, Luiz Fagundes Duarte, o reconhecimento do que Pessoa viu publicado ao longo da sua vida não deve nem pode ser subsumido numa organização com pretensões de encarnação de um ideal de totalidade: pelo contrário, seria preciso assumir a complexidade de tal conjunto e favorecer uma edição que facilite iluminar o percurso histórico traçado por Pessoa através de cada publicação. A de Fagundes Duarte é a mais abrangente edição, num volume único, das obras assinadas e publicadas por Fernando Pessoa com o seu nome próprio, isto é, daquelas que – seguindo uma sugestão dele mesmo em 1928 – leitores, editores e críticos temos passado a conhecer por obras *ortónimas*.

Mensagem e poemas publicados em vida está dividido em três partes, cuidadosamente justificadas numa concisa “Introdução” – 1. “Poemas publicados em vida 1902-1935”; 2. “*Mensagem* (1934)”; 3. “Traduções” – e ainda está composto por aparatos crítico-genéticos, produto do trabalho de estudo e descrição de materiais do espólio pessoano, do confronto de testemunhos, da interpretação de variantes e da defesa de algumas emendas, processos críticos que outorgam uma marca identitária e de prestígio ao labor das edições pessoanas da INCM. Para um leitor, esta reunião de *Mensagem* com *Poemas publicados em vida* poderá representar uma surpresa, tendo em conta que o volume reúne uma obra “fechada”, com uma arquitetura própria, que é *Mensagem*, e duas séries aparentemente “inconjuntas”: uma série de poemas e outra de traduções. Além disso, neste último caso, o das traduções, Fagundes Duarte promove uma interpretação forte da autoria que a Pessoa corresponde pelas suas traduções de outros autores – Garcilaso, Quevedo, Wordsworth, Poe, Browning, Crowley, entre outros –, promoção invulgar na história da edição pessoana. Afinal só existe um antecedente reconhecido nesta tradição específica, *Fernando Pessoa, Poeta-Tradutor de Poetas*, livro organizado em 1996 por Arnaldo Saraiva (PESSOA, 1996). A este respeito convém indicar que Fagundes Duarte acrescentou duas novas traduções ao corpus das traduções pessoanas: aquelas correspondentes a textos de poetas uruguaios oriundos de Montevideo: “A Louca de Bequeló”, de Ramón de Santiago, e “A Gloria”, de Alejandro Magariños Cervantes. Estas somam-se agora às perto de 31 traduções já recolhidas por Saraiva.

Na sua introdução, Fagundes Duarte procura argumentar e defender, sem fanatismos, uma forma de lidar com a muito complexa questão da relação entre “partes” e “todos” que a obra pessoana levanta. Isto é feito, a meu ver, de maneira lúcida e dentro do território das hipóteses: nessa seção preliminar, o editor evoca e descreve um livro de poemas que Pessoa sonhou, mas nunca fez realidade: “As

Septe² Salas do Palácio Abandonado”, de c. 1915. Os planos desse livro sugerem uma organização diferente da que finalmente tiveram alguns poemas aquando da sua publicação em vida de Pessoa. Assim, entre várias organizações concorrentes, Pessoa estipulou que as primeiras “salas” reuniriam todos os poemas ortónimos aos que chamou “simples” (“simple lyrics”, p. 9); a quarta incluiria os poemas “Sensacionistas”; e a sétima, os poemas “Metafísicos e ocultistas”; ou, então, a primeira reuniria “os poemas líricos simples”; a segunda, os poemas “sobre pessoas”; a terceira, os poemas estrangeiros; a quarta, os poemas “extravagantes”; a quinta, os poemas políticos; a sexta, os poemas místicos; e a sétima, os poemas metafísicos ou ocultistas (pp. 9-10). Basta imaginar que essas “salas” tivessem nomes de gente para começar a identificar a perfilhação de um vulto de índole heteronímica, assim como também as dificuldades para diferenciar alguns conjuntos – para diferenciar poemas místicos e ocultistas, por exemplo. Como sublinha Fagundes Duarte, seria possível projetar este esquema como uma espécie de andaime ou estrutura da obra pessoana enquanto totalidade, e tentar que sob essas categorias ficasse organizada toda ou uma parte considerável da produção ortónima pessoana publicada em vida, inclusive aquela que ainda não tinha sido composta na data em que o plano foi redigido. Formas de organização há muitas e o editor de *Mensagem e poemas publicados em vida* avaliou várias.

Seja como for, mesmo que Pessoa, com 27 anos, em 1915, já tivesse uma visão da sua obra como “edifício” monumental, reunindo num mesmo espaço e em simultâneo a diversidade da sua produção artística, os seus planos e projetos não se correspondem ou condizem com a forma como certos poemas ou conjuntos foram ao prelo, o que persiste, no confronto das publicações e das arcas, é uma dialética inconclusiva entre revelação de formas finitas e a evolução histórica de elementos adaptativos. Por isso, a capacidade prescritiva ou retrospectiva dos planos fica posta em causa pela realidade histórica que a obra pessoana foi adquirindo à medida que ia sendo impressa e conhecida pelo público.

O caso de *Mensagem* permite visualizar esta problemática. Pessoa publicou alguns poemas soltos ou em conjuntos que depois integrariam esse outro conjunto chamado *Mensagem*. A edição da INCM interpreta que a organização dos poemas no livro de 1934 não constitui um apagamento definitivo das publicações anteriores, onde aqueles poemas, idênticos ou com variantes, constituíam outros poemas que Pessoa efetivamente publicou por considerar que “funcionavam igualmente bem” (p. 15). Esse critério faz com que a edição seja tolerante com algumas repetições que

² Pessoa usa as duas grafias alternativamente: “septe” ou “sete”. O mais interessante desse projeto originário é que nele Pessoa concebia uma espécie de subdivisão “heteronímica” do ortónimo (cf. SENA, 1982: 165), atribuindo a cada uma das “salas do palácio” uma certa identidade temática e estilística que não destoava por completo da maneira como Caeiro, Campos e Reis, obedecem a possibilidades expressivas de tipologias literárias.

frisam a componente mais adaptativa e, por assim dizer, histórica da obra pessoana: a saber, a constante dinâmica de integração de alguns elementos em novos contextos. Nesse sentido, ler *Mensagem* à luz da sua história editorial é um exemplo de como a obra pessoana é um processo: monumento simultaneamente em ruínas e em construção; árvore e nau. O olhar interseccionista é sem dúvida a grande virtude da edição crítica de Fagundes Duarte e um contributo inquestionável para a reavaliação do trabalho literário de Pessoa. O editor confirma, assim, a sua condição de “plantador de naus a haver” com que ele próprio, citando Pessoa, descreveu a cada trabalhador do espólio pessoano (DUARTE, 2018: 190).

Note-se ainda que a recuperação dos materiais preparatórios associados à gênese dos poemas publicados em vida tem um efeito colateral sobre a nossa percepção do verdadeiro estado de conservação do acervo pessoano. Através da edição de Fagundes Duarte ficamos a conhecer uma lista muito completa dos poemas ortónimos dos quais não se conhece nenhum suporte autógrafo: “Chuva Obliqua”, “A Casa Branca Nau Preta”, “Meantime”, “Trois Chansons Mortes”, “O menino da sua mãe”, “Natal (Na provincia neva...)” e “Névoa”, fazem parte desta lista³. Sem dúvida, essas são importantes lacunas para os estudiosos do processo criativo pessoano, porém, a edição oferece materiais genéticos para perto de 120 poemas, tornando-se assim na principal fonte existente e uma guia-modelo para a maneira de proceder na edição de outras partes da obra, como por exemplo a prosa.

Porém, como é regra geral no caso dos estudos pessoanos, nenhuma edição é “definitiva” nem sequer de acordo com os seus próprios critérios. No caso de *Mensagem e poemas publicados em vida*, afirmamos isto em dois sentidos: um concreto e outro discutível. No primeiro, referindo pesquisas recentes que têm encontrado alguns materiais que, por fazer parte direta da história editorial de *Mensagem* em vida de Fernando Pessoa, teriam cabido nesta edição, ainda que fosse na secção de “Aparatos”. Refiro-me à publicação de “Mar Portuguez” na revista *Leitura para todos* de Rio de Janeiro, em junho de 1926, e a publicação parcial dos poemas “D. Diniz” e “Terceiro” no *Diário de Notícias* de Rio de Janeiro, em março de 1935, ambas publicações redescobertas por Rodrigo Xavier num artigo do número 17 da revista *Pessoa Plural* (XAVIER, 2020)⁴. O mesmo pesquisador também identificou uma

³ Segundo a edição de Fagundes Duarte a esta lista deveriam acrescentar-se os poemas “Conselho” e “Marinha”, mas do primeiro efetivamente existe uma cópia passada a limpo no espólio, BNP/E3, 118-53 e do segundo Jerónimo Pizarro identificou um autógrafo na Coleção de Fernando Távora (PIZARRO, 2017: 341).

⁴ Ainda, no aparato correspondente aos poemas “Noite” e “Tormenta”, identificados com os nº 125 e 126 na edição de Fagundes Duarte, caberia uma referência aos autografos conservados na Coleção Fernando Távora. Uma primeira versão de “Noite” leva o título “Corte-Real” e do segundo constam alguns versos manuscritos (PIZARRO, 2017: 341-350)

tradução pessoana intitulada “Linda florinha”⁵, publicada no *Tesouro da Juventude*, em 1926, desconhecida até agora, junto com uma republicação do poema “O avô e o neto”, no jornal brasileiro *Tico-Tico: jornal das crianças* em 1931.⁶ Todas estas informações também ajudam a derrubar a mitologia do poeta inédito, posto que fazem mais palpável o crescente reconhecimento do autor inclusive no Brasil, e não esqueçamos que Pessoa morreu aos 47 anos.

O ponto discutível é exposto por Nicolás Barbosa, Jerónimo Pizarro, Carlos Pittella Leite e Rui Sousa, no n.º 17 da *Pessoa Plural*. Trata-se de determinar qual a relação genética entre *Mensagem* e outros projetos pessoanos que têm uma data de redação anterior a 1913, data na qual começa a análise de Fagundes Duarte. Trata-se especificamente dos projetos “Encoberto” e um primitivo “Portugal”. O material associado a estes títulos é de uma dimensão considerável: 106 inéditos oferecem os autores do artigo antes citado. Admito que neste caso a discussão possa ser interessante, sempre e quando não seja assumida como acabada. A relação entre esses poemas, redigidos antes de 1913, e os poemas de *Mensagem*, que até pouco antes da publicação se chamou *Portugal*, pode não resultar tão óbvia embora o título seja o mesmo e a eles caiba o rótulo de poemas nacionalistas. Nessa linha poderíamos perguntar: os elementos associados ao título “Canções da derrota”, ou ao poema “A Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais”, também entrariam numa edição da *Mensagem*? Mas isto só poderá ser melhor esmiuçado após a leitura da recente edição crítica a cargo de Jerónimo Pizarro, publicada pela Tinta-da-China, que está a chegar as livrarias nos mesmos dias em que estas linhas são escritas.

Não quero fechar esta recensão sem deixar umas palavras de sentida gratidão para com o professor Luiz Fagundes Duarte, no ano da sua aposentadoria.

Bibliografia

BARBOSA, Nicolás (et al.) (2020). “Portugal, o primeiro aviso de *Mensagem*: 106 documentos inéditos” *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, Spring, pp. 76-229. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/djfd-kf82>

⁵ Xavier identifica corretamente a tradução pessoana, existente também no espólio, mas não refere o original inglês no artigo. Trata-se da tradução do poema “Pretty flowers” da autora inglesa Sybil Scott Palley, que também era ilustradora, embora não tenha sido possível até agora obter mais informações sobre ela.

⁶ Sobre este poema vale dizer que já pela edição *Ficções do Interlúdio* de Cabral Martins sabíamos de uma publicação sob o título “Meditações do Avô e brinquedos do neto” na coleção brasileira *Tesouro da juventude*, impressa no Brasil perto de 1926. Este poema foi excluído da edição de Fagundes Duarte, pelo que podemos entender porque a edição só considera os poemas publicados “em jornais e revistas literárias” e essa publicação foi num livro. Contudo, a redescoberta da publicação no *Tico-Tico: jornal das crianças* só sublinha a necessidade de juntá-lo ao corpus.

- DUARTE, Luiz Fagundes (2018). *Do caos redivivo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Pessoa-Ensaaios.
- MONTEIRO, George (2013). *As paixões de Pessoa*. Lisboa: Babel.
- PESSOA, Fernando (2020). *Edição Digital de Fernando Pessoa. Projetos e Publicações*, edição de Pedro Sepúlveda, Ulrike Henny-Krahmer e Jorge Uribe, Lisboa e Colónia, IELT, Universidade Nova de Lisboa e CCEH, Universidade de Colónia. DOI: [10.18716/ccch/pessoa](https://doi.org/10.18716/ccch/pessoa)
<http://www.pessoadigital.pt/pt/index.html>
- _____ (2018) *Mensagem e outros poemas publicados em vida*. Edição de Luiz Fagundes Duarte, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (2017) *Prosa publicada em vida*. Edição de Richard Zenith, Obra essencial de Fernando Pessoa, Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (2013B) *Proses – Volume II 1923-1935*. Édition de José Blanco. Paris: Éditions de La Différence.
- _____ (2013) *Proses – Volume I 1912-1922*. Édition de José Blanco. Paris: Éditions de La Différence.
- _____ (2012) *Ficções do Interlúdio*. 2.^a ed., edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (2007) *Ficções do Interlúdio*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Biblioteca de editores independentes.
- _____ (2006) *Prosa publicada em vida*. Edição de Richard Zenith, Obra essencial de Fernando Pessoa, Lisboa, Assírio & Alvim.
- _____ (1999) *Crítica, ensaios, artigos e entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (1988) *Fotobibliografia 1902-1935*. Organização, introdução e notas de João Rui de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PIZARRO, Jerónimo (2017). “Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a Coleção Fernando Távora”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12 (special issue: *New Insights into Portuguese Modernism from the Fernando Távora Collection*; guest editor: Ricardo Vasconcelos), Fall, pp. 333-456. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0FJ2F16>
- ROSA, Vasco (2012) “Rebello de Bettencourt e Fernando Pessoa: Dois poemas publicados no Diário dos Açores”, *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Spring, pp. 314-320. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0C53J2V>
- SARAIVA, Arnaldo (1996) *Fernando Pessoa Poeta-Tradutor de Poetas: os poemas traduzidos e o respectivo original*. Porto: Lello Editores.
- SENA, Jorge de (1982). *Fernando Pessoa & Cª Heterónima*. Volume I. Lisboa: Edições 70.
- TABUCCHI, Antonio (2019) [1971]. *Un baule pieno di gente. Scritti su Fernando Pessoa*. Milano: Feltrinelli.
- URIBE, Jorge (2020). “Em vida de Fernando Pessoa – Lista de publicações 1912-1935”, *Estranhar Pessoa*, 7, <http://estranharpessoa.com/revista> (consultado em novembro de 2020).
- XAVIER, Rodrigo (2020). “Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)”, *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, pp. 543-572. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/s0aq-b080>

JORGE URIBE é professor do Departamento de Humanidades da Universidad EAFIT e doutor pelo Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa com uma tese dedicada à biografia intelectual de Fernando Pessoa e aos conceitos de crítica estética e despersonalização dramática nas obras de Oscar Wilde, Walter Pater e Matthew Arnold. É membro do projeto crítico e editorial “Estranhar Pessoa: um escrutínio das pretensões heteronímicas”, foi bolseiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Calouste Gulbenkian, e é corresponsável pela *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações* (pessoadigital.pt).

JORGE URIBE is a professor at the Department of Humanities of the Universidad EAFIT and holds a PhD in the Program in Theory of Literature of the University of Lisbon with a thesis dedicated to the intellectual biography of Fernando Pessoa and to the concepts of aesthetical criticism and dramatic depersonalization in the works of Oscar Wilde, Walter Pater and Mathew Arnold. Uribe is a member of the critical and editorial project “Estranhar Pessoa: um escrutínio das pretensões heteronímicas”, and held research grants from Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação para a Ciência e a Tecnologia and Calouste Gulbenkian Foundation. He is also co-responsible for the *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações* (pessoadigital.pt).